

Mais um bestseller sexy e hilariante da autora de *Envolvidos* e *Enrolados*

Emma Chase

# Enlaçados

Até quando conseguirão escapar  
aos laços da paixão?

\* Romance \*

TOP  
SEL  
LER

*Este livro é dedicado a todos os «bons rapazes»  
e «miúdas loucas» do mundo.  
Que se encontrem uns aos outros  
e juntos desfrutem da montanha-russa que é a vida.*

# Capítulo 1

Nas últimas semanas chamaram-me a atenção para o facto de as mulheres, às vezes, gostarem mesmo de chorar. Choraram por causa de livros, programas de televisão, aqueles anúncios terríveis sobre animais maltratados e por causa de filmes — especialmente filmes. Sentarmo-nos para intencionalmente assistirmos a algo que nos faz infelizes? Não faz sentido nenhum.

Mas não faz mal. Essa é só mais uma a juntar a outras coisas que nunca vou compreender na minha namorada. Sim, eu disse namorada. A Dee Warren é oficialmente minha namorada.

Vou repetir para os que estão lá atrás — namorada — Delores — minha.

A repetição pode fazer-me parecer uma pré-adolescente obcecada pelo Harry Styles, mas quero lá saber. Porque foi uma vitória difícil — se soubessem o que tive de passar para a conquistar, iriam compreender.

Bom, retomemos o fio à meada. As miúdas gostam de chorar, mas esta não é uma dessas histórias. Não há amigas íntimas que morrem, nenhum passado atormentado, nenhum segredo escondido, nenhuma separação colorida de vampiros, nem perversões sexuais.

Vá, pronto... Há umas perversõezitas sexuais, mas das boas.

Esta é a história de um engatatão que conhece uma miúda ligeiramente chanfrada. Apaixonam-se e o engatatão reforma-se de vez.

Se calhar já ouviram esta história, talvez até a do meu amigo Drew Evans. Mas a questão é que, enquanto ele e a Kate estavam a tentar resolver as coisas entre eles, havia um universo alternativo onde decorria paralelamente a minha história com a Delores, da qual vocês não têm conhecimento. Por isso, fiquem por aí, mesmo que pensem que já sabem o fim. Porque a melhor parte de uma viagem não é chegar ao destino. São as aventuras e desventuras que acontecem pelo caminho.

Antes de começarmos, há umas informações de fundo que talvez precisem de saber. Primeiro: o Drew é um tipo fixe, um verdadeiro amigo do peito. Se fôssemos o Rat Pack, ele seria o Frank Sinatra, eu seria o Dean Martin. Embora o Drew e eu sejamos muito próximos, temos as nossas diferenças de opinião quanto a mulheres. Nesta fase da nossa história, ele vê-se como um solteirão para toda a vida. Tem uma série de regras sobre nunca levar raparigas para o seu apartamento, nunca namorar com alguém que trabalha no escritório, e a «regra de ouro»: nunca dormir duas vezes com a mesma mulher.

Eu, por outro lado, não me importo com o sítio onde faço sexo — no meu apartamento, no apartamento dela, no miradouro do Empire State Building.

*Essa foi uma grande noite...*

Também não tenho nada contra andar com alguém do escritório — embora a maior parte das mulheres no meu ramo estejam sempre rancorosas, stressadas, fumem um cigarro atrás do outro e sejam viciadas em café. Não tenho nenhum problema em sair várias vezes com a mesma mulher desde que o tempo que passamos juntos seja agradável. E, um dia, imagino-me a assentar — casamento, miúdos, o pacote completo.

Mas enquanto procuro a «mulher certa» ando a divertir-me à grande com todas as «mulheres erradas».

Em segundo lugar, sou mesmo o tipo de pessoa de «copo meio cheio». Nada me deita abaixo. Tenho uma bela vida: uma boa carreira que me permite ter os melhores brinquedos masculinos que há no mercado, amigos fantásticos, uma família estranha mas amorosa. «Depressão» não existe no meu vocabulário, mas *carpe diem* devia ser o meu apelido.

Depois, surge Delores Warren — Dee, se lhe quiserem cair no goto. Nos dias de hoje é um nome pouco comum, mas a ela assenta-lhe como uma luva. Ela é invulgar — diferente — no melhor dos sentidos. É brutalmente honesta, com ênfase em «brutalmente». É determinada e não quer saber o que as pessoas pensam dela. É verdadeira consigo própria e não fica embaraçada com o que quer ou com quem é. É extravagante e bela, como um puro-sangue selvagem que galopa melhor sem sela.

E foi aí que quase me dei mal. Queria domesticá-la. Achei que tinha paciência para isso, mas exagerei e puxei demasiado as rédeas. E ela partiu-as.

Estão ofendidos por eu ter comparado a mulher que amo com um cavalo? Deixem-se disso — esta não é uma história politicamente correta.

Mas ainda não é aí que eu quero chegar. Só sei que a Kate Brooks é nossa colega e a melhor amiga de Delores — que está para a Dee como a Shirley estava para a Laverne. E, desde que conheço o Drew — toda a minha vida —, nunca o vi reagir a uma mulher como reagiu à Kate. A atração deles, embora fosse de antagonismo na maior parte das vezes, era palpável ao princípio. Qualquer pessoa com olhos via que estavam caídos um pelo outro.

Bem... toda a gente menos eles.

A Kate, tal como a Delores, é uma miúda excepcional. O tipo de mulher que, nas palavras imortais de Eddie Murphy em *Um Príncipe em Nova Iorque*, consegue despertar o intelecto de um homem, bem como as suas partes baixas.

Até ao momento, tudo entendido? Muito bem. Então vamos pôr o carrossel a andar.

A minha vida mudou há cerca de quatro semanas. Num dia perfeitamente normal em que conheci uma miúda que era tudo menos normal.



*Quatro semanas antes*

— Matthew Fisher, Jack O'Shay, Drew Evans, esta é a Dee-Dee Warren.

O amor à primeira vista não existe. Não é possível. Desculpem estragar a vossa fantasia, mas as coisas são como são. A ignorância pode ser uma bênção, mas quando se retira a camada abençoada, o que está por baixo não passa de desinformação.

Para se amar mesmo outra pessoa, tem de se conhecer essa pessoa — as suas peculiaridades, os seus sonhos, o que a chateia e o que a faz sorrir, os seus pontos fortes, pontos fracos e defeitos. Já ouviram aquela citação da Bíblia, aquela que eles leem sempre nos casamentos: «O amor é paciente, o amor é bondoso...»? Eu tenho a minha própria versão: «O amor é ter saudades do hálito matinal da outra pessoa. Achá-la linda mesmo que tenha um nariz de bruxa que gosta da pinga e que o cabelo esteja sempre desgrenhado como o de um cientista louco. O amor não é aturar uma pessoa apesar dos seus defeitos — é adorá-la por causa deles.»

Mas o desejo à primeira vista, esse é muito real. É muito mais comum. De facto, quando a maior parte dos homens conhece uma mulher, consegue, em cinco minutos, identificar em que categoria — «foder, matar, casar» — se encaixa. Para os homens, a categoria «foder» enquadra-se numa fasquia bastante baixa.

Gostava de vos dizer que a primeira coisa que reparei na Delores foi algo romântico, como os seus olhos, o sorriso ou o som da sua voz, mas não foi. Foram as mamas. Sempre fui atraído por mamas, e o par que a Delores tinha era fantástico. Transbordando ligeiramente de um top cor-de-rosa forte justo, comprimidas na medida certa para criarem uma tentadora fenda abaixo do decote, maravilhosamente enquadradas por uma camisola cinzenta.

Antes de me dirigir a primeira palavra, já eu estava apaixonado pela prateleira da Delores Warren.

Depois de gracejar com o Drew um minuto, desvio a sua atenção para mim.

— Então, Dee-Dee... isso é diminutivo de alguma coisa? Donna, Deborah?

Uns olhos quentes da cor do mel viram-se para mim. Mas antes de ela responder, a Kate ri maliciosamente:

— Delores. É um nome de família — da avó. Ela detesta-o.

A Delores deita um olhar de reprovação à Kate. Se se quiser impressionar uma mulher, o humor é sempre uma boa aposta. Mostrar à mulher que se é esperto, inteligente e autoconfiante. Se temos tomates, devemos exibi-los sem medos.

E é por essa razão que digo à amiga da Kate:

— Delores é um nome belíssimo, para uma mulher belíssima. Como se não bastasse, rima com *clitoris*... e sou um mestre a lidar com eles. Sou um grande fã.

Como planeado, a minha tirada tem uma reação imediata. A Delores sorri-me devagar e percorre o lábio inferior com um dedo. Quando uma mulher toca nalguma parte do seu corpo em resposta a qualquer coisa que um tipo disse, é bom sinal.

Depois vira-se para a restante audiência e diz:

— Bom, tenho de ir andando, vou trabalhar. Gostei de vos conhecer, malta. — A Dee-Dee abraça a Kate e pisca-me o olho. *Também é um bom sinal.*

Fico a observá-la quando sai e não posso deixar de notar que a vista de trás é quase tão perfeita como a da frente.

O Drew pergunta à Kate:

— Tem de ir trabalhar? Pensei que os clubes de *strip* só abriam às quatro.

Tenho de concordar com ele neste ponto. Quando já se foi a tantos clubes de *strip* como nós, começa-se a perceber um padrão. As roupas que as mulheres usam, embora mínimas, são semelhantes. Como se todas frequentassem as mesmas lojas. E a Dee transmite mesmo a vibração sensual de ser uma *stripper*.

Mas pode ser apenas uma ilusão da minha parte. Seria fantástico se ela fosse uma dançarina. Não só são muito flexíveis, como gostam de se divertir à grande. Totalmente desinibidas. O facto de geralmente terem fraca opinião da espécie masculina é uma vantagem também. Significa que o mais singelo ato de cavalheirismo é reconhecido com extrema gratidão. E uma *stripper* grata é uma *stripper* que faz uma mamada.

Mas a Kate frustra as minhas esperanças.

— A Dee não é *stripper*. Ela veste-se assim para provocar as pessoas. Para que fiquem chocadas quando descobrem o que realmente faz.

— O que é que ela faz? — pergunto eu.

— É engenheira espacial.

O Jack lê-me a mente:

— Estás a gozar.

— Não estou, não. A Delores é química. Um dos clientes dela é a NASA. O laboratório dela trabalha na melhoria da eficiência do combustível que eles usam nos vaivéns espaciais. — Estremece. — A Dee-Dee Warren com acesso a substâncias altamente explosivas... é uma coisa em que tento não pensar todos os dias.

E agora a minha curiosidade é quase tão forte como o meu desejo. Sempre tive queda para o invulgar — o exótico — nas mulheres, na música, nos livros. E, ao contrário do Drew, cujo apartamento está meticulosamente decorado, tendo mais para peças com história. Mesmo que não combinem, o não-tradicional é sempre interessante.

— Brooks, tens de me ajudar. Sou um tipo fixe. Deixa-me levar a tua amiga a sair. Ela não se vai arrepender.

A Kate pensa durante um momento. Depois diz:

— Está bem. Pareces ser o tipo da Dee. — Entrega-me um cartão de visita. — Mas tenho de te prevenir. Ela é do tipo «ama-os-e-deixa-os-todos-negros». Se queres divertir-te uma noite ou duas, telefona-lhe. Se queres mais do que isso, esquece.

E agora sei como se sentiu Charlie quando lhe foi entregue o último bilhete para a fábrica de Chocolate Wonka.

Levanto-me da mesa e beijo a Kate na face.

— És... a minha nova melhor amiga.

Também penso em abraçá-la — só para chatear o meu amigo que neste momento já está a olhar para mim com um ar desconfiado —, mas não quero arriscar um pontapé nos tomates. Tenho planos para eles. Precisam de estar em forma!

A Kate diz ao Drew para não amuar, e ele faz um comentário sobre as mamas dela, mas já só os ouço lá ao longe. Porque estou



demasiado ocupado a pensar onde me vou encontrar com a Delores Warren para tomar uma bebida — ou várias. E em todas as fantásticas atividades lascivas que, de certeza, se irão seguir.



E foi assim que começou. Não era para ser complicado — nada de amor à primeira vista, nem grandes gestos, nem ressentimentos. Uma coisa segura, boa disposição, coisa de uma noite com opção da segunda. Foi isso que a Kate me disse que a Dee costumava fazer, e era só isso que eu procurava. Nunca pensei que resultasse nisto.

Elvis Presley tinha razão. Os tolos atiram-se mesmo de cabeça. E, se ainda não toparam, eu sou um grandessíssimo tolo.

## Capítulo 2

Muita gente vive para o trabalho. Não por razões financeiras, mas porque o que fazem é o que são — a profissão dá-lhes autoconfiança, objetivos, até adrenalina talvez. O escritório é o recreio de um homem de negócios, um advogado sente-se em casa numa sala de audiências. E se algum dia precisar de um cirurgião só um incurável viciado em trabalho é que se aproximará de mim.

Dito isto, trabalho como banqueiro de investimento numa das empresas mais respeitadas e prestigiadas da cidade. Sou bom no que faço, ganho bem e sirvo bem os meus clientes — mantenho-os felizes e tenho sempre novos clientes a chegar. Mas não posso dizer que adoro isto. Não é uma paixão. Quando morrer, não me vou embora a pensar que podia ter passado mais tempo no escritório.

Sou como o meu pai, nesse aspeto. É dedicado à empresa que ele, o John e o George fundaram, mas não deixa as obrigações interferirem com o seu jogo de golfe. E é um homem de família à moda antiga — sempre foi. Quando era miúdo, o jantar era servido às seis em ponto. Todas as noites. Se não tivesse o rabo sentado na cadeira à mesa, o melhor era estar nas urgências, ou tínhamos o caldo entornado. A conversa do jantar girava à volta de «O que é que fizeste hoje?» e a resposta «Nada» não era aceitável. Sendo filho único, não havia irmãos para distrair os meus pais de me observarem atentamente. O meu pai conhecia bem os perigos de

crescer de forma privilegiada em Nova Iorque, por isso assegurava-se de que não me metia em sarilhos.

Bem... pelo menos grande parte do tempo.

Todos os miúdos merecem meter-se um bocadinho em sarilhos. Ajuda-os a aprenderem a ser engenhosos e a pensarem por si próprios. E, se um adolescente não tiver alguma margem para viver, perde totalmente a cabeça quando chega à universidade, o que pode acabar mal.

As três regras básicas do meu pai eram: manter as notas altas, manter o registo criminal limpo e manter as calças abotoadas.

Duas em três não é mau, certo?

Embora o meu pai saiba a importância da família e de separar o trabalho do prazer, isso não quer dizer que eu tenha carta-branca na empresa porque sou seu filho. Na verdade, acho que é mais duro comigo do que com os outros empregados, só para evitar reclamações por favoritismo. Indecência no escritório é uma coisa que ele nunca toleraria. Havia de lhe cair em cima como uma ave de rapina sobre um coelho.

E essa é outra razão pela qual o meu pai e os seus sócios conseguiram uma empresa com tanto sucesso — porque cada um deles se entrega de alma e coração ao que melhor sabe fazer. O John Evans, o pai do Drew e da Alexandra, é como o Face, dos Soldados da Fortuna. Tem charme, é persuasivo e assegura-se de que os seus clientes estejam satisfeitos e que os funcionários se sintam não só realizados, como também entusiasmados. Depois, temos o George Reinhart, o pai do Steven. O George é o cérebro do negócio. O meu pai e o John não são propriamente desprovidos nesse departamento, mas o George é como o Stephen Hawking sem a esclerose lateral amiotrófica. Ele é a única pessoa que eu conheço que tem prazer com o lado técnico de inserir números da banca de investimento.

Depois temos o meu pai, o Frank: ele é o músculo. O intimidador. É um homem de poucas palavras, o que quer dizer que, quando fala, é bom que as nossas orelhas estejam a ouvir porque está a dizer qualquer coisa que vale a pena ser ouvida. E não tem nenhum problema em despedir as pessoas. Ao pé do meu pai,

o Donald Trump parece um menino. Não quer saber se é o único sustento da família ou se se trata de uma mulher grávida no último trimestre: se não estiver a fazer o trabalho devidamente, vai para a rua. As lágrimas não o comovem e raramente dá segundas oportunidades. Desde que eu era criança que ele dizia: «Matthew, família é família, amigos são amigos e negócios são negócios. Não os confundas.»

Embora seja um durão, é sempre justo. Honesto. Se fizermos o nosso trabalho como deve ser feito, não haverá problemas. E eu preocupo-me sempre em garantir que o faço. Não só porque quero manter o meu emprego, mas porque... jamais quereria desiludir o meu pai. Infelizmente, essa atitude é cada vez mais rara. Hoje em dia o que mais há por aí são idiotas que não pensam em fazer com que os pais sintam orgulho neles — mas foi assim que o Drew, a Alexandra, o Steven e eu fomos criados.

Mas voltemos à nossa história.

Depois do almoço com os amigos, passo o resto da tarde à minha secretária, a redigir um contrato e a ser simpático para os clientes ao telefone. Por volta das seis, estou a arrumar as coisas e o Steven entra-me pela porta do gabinete.

— Adivinha quem passou o intervalo do almoço rodeado de jogadores fanáticos na fila para o jogo da berra?

Arrumo um dossiê na minha pasta para uma leitura pouco agradável antes de dormir. Se não se quer passar a vida amarrado a uma secretária, a gestão do tempo é crucial.

Respondo:

— Tu...?

Sorri e assente com a cabeça.

— Isso mesmo, mano! E olha o que consegui.

Mostra um pacote quadrado embrulhado em celofane.

No tempo do meu pai, os amigos juntavam-se, de vez em quando, para ir à pesca ou tomar uma bebida num tasco local para descontrair ao fim de um dia de trabalho. Mas o que o Steven tem na mão é mais viciante do que álcool e muito mais divertido do que colocar um isco no anzol.

É a última edição de *Call of Duty*.

— Ena! — Tiro-lhe o jogo da mão e viro-o para ver o grafismo realista atualizado.

— Estás disponível para uma missão hoje à noite? Por volta das nove?

Caso não saibam, o Steven é casado. E não só é casado, como é casado com a Alexandra-anteriormente-Evans, também conhecida como «A Cabra». Mas esta última parte não fui eu que disse.

Se uma esposa normal é uma bola na ponta de uma corrente, a Alexandra é um tanque de guerra. Ela tem o Steven sob rédea curta — não o deixa sair ao sábado à noite para ir beber um copo e só lhe permite um jogo de póquer por mês. Embora o Steven não seja do tipo de se perder, a Alexandra acredita que sair connosco, amigos despreocupados e solteiros, seria uma má influência para o marido. E... provavelmente tem razão.

Mas, como qualquer bom diretor de cadeia sabe, só se pode limitar os presos até certo ponto. Podem fechá-los num cubículo dez horas por dia, proibirem-nos de ir ao recreio, mas se lhes tentam tirar os cigarros, têm uma revolta entre mãos.

A Xbox é o único vício permitido ao Steven. Desde que os jogos não perturbem a filha, Mackenzie, depois de ter ido para a cama. Uma vez o Steven fez um pouco mais de barulho durante uma emboscada e acordou a Mackenzie. Apanhou solitária durante uma semana. Aprendeu a lição.

— Está bem, meu. Conta comigo.

Devolvo-lhe o jogo e ele diz:

— Fixe. Vejo-te às nove da noite. — Depois faz-me continência e dirige-se para a porta.

Pego na pasta e no saco de ginástica e saio uns minutos mais tarde. A caminho do elevador, espreito o escritório do Drew.

Está debruçado sobre a secretária coberta de papéis, a escrever notas com uma caneta vermelha num documento.

— Olá.

Levanta os olhos:

— Olá.

— Xbox esta noite às nove horas. O Steven tem o novo *Call of Duty*.

Com a atenção focada outra vez no papel, o Drew diz:

— Não posso. Vou ficar até, pelo menos, às dez.

Lembram-se de vos ter falado nas pessoas que vivem para o trabalho? O Drew Evans é desse tipo.

Mas com ele resulta. Ele não é um fanático das horas extraordinárias com aspeto desleixado e stressado — é exatamente o oposto. O Drew sente genuinamente prazer no que faz; adora negociar um contrato, mesmo que seja duro. Porque sabe que o consegue fechar e que provavelmente é o único que consegue.

Bem... pelo menos até uma certa mulher de cabelo escuro se juntar à nossa equipa. Olho para o outro lado do corredor para o escritório da Kate. Está à secretária, um verdadeiro espelho do Drew, mas muito mais sensual.

Recosto-me na cadeira e digo:

— Já sabes que a Kate está prestes a conseguir a conta da Pharmatab?

Ainda sem levantar os olhos, murmura de mau humor:

— Sim, já ouvi dizer.

Sorrio maldosamente.

— É melhor pores-te fino, pá. Se ela fizer aquele negócio, o teu pai vai ficar tão empolgado que não me admirava que a quisesse adotar. E o incesto, mesmo entre irmãos adotados, é ilegal em Nova Iorque.

Gozar com os amigos é uma coisa normal. É o equivalente às mulheres darem beijos umas às outras, metade com a face, metade na atmosfera. É um sinal de afeto.

— Mas seja como for acho que o incesto estaria fora de hipótese, da maneira como ela te está sempre a rejeitar.

— Chupa-mos.

Rio-me baixinho.

— Esta noite não, querido. Dói-me a cabeça. — Depois dirijo-me para a porta. — Diverte-te.

— Até logo.



Depois de sair do escritório, meto-me no metro como faço todos os dias, para ir ao ginásio. É em Brooklyn, um sítio verdadeiramente básico. Alguns eram capazes de lhe chamar uma pocilga, mas para mim é um diamante por lapidar. O chão é duro e sujo e a parede do fundo está cheia de sacos de boxe vermelhos e gastos. Há pesos empilhados à frente de um espelho partido, uma caixa de plástico cheia de cordas de saltar ao lado da única máquina de remo. Não há donas de casa entediadas, vestidas de elastano, no engate ou a pavonearem o seu último aperfeiçoamento cosmético. Não há máquinas elípticas nem passadeiras de alta tecnologia como as que se encontram no ginásio do meu edifício. Venho aqui para suar e levar os meus músculos ao limite com exercícios precisos e cronometrados. E, acima de tudo, venho por causa do ringue de boxe que está no centro do ginásio.

A primeira vez que vi o *Rocky* tinha 12 anos. Passa-se em Filadélfia, mas podia ter sido em Nova Iorque. Desde então que sou fã de boxe. Não me vou despedir para me preparar para o título de pesos pesados, nem coisa do género, mas não há melhor exercício do que uns assaltos no ringue contra um adversário decente.

O Ronny Butler — o tipo com barba de três dias, com cerca de 50 anos, camisola cinzenta e crucifixo grosso de ouro ao pescoço que está no canto do ringue, a gritar correções aos dois parceiros que dançam à volta um do outro — é o dono. O Ronny não é o Mickey, mas é um bom homem e ainda melhor treinador.

Ao longo dos anos, fui reunindo informações que ele deixava escapar quando só restava eu na altura do fechar a porta. No fim dos anos 80, o Ronny era um manda-chuva em Wall Street, a viver o sonho americano. Depois, numa sexta-feira à noite, ele e a família estavam de partida para os Hamptons para passarem o fim de semana. Por se ter atrasado com o trabalho, tinham saído mais tarde, e um motorista de pesados adormeceu ao volante, atravessando a faixa de separação para a faixa contrária e embatendo de frente com o *BMW* do Ronny. Ele conseguiu escapar apenas com uma contusão e um fémur desfeito. A mulher e a filha não sobreviveram.

Passou alguns anos a afogar as mágoas numa garrafa e outros tantos a recompor-se. Depois usou o dinheiro da indemnização para comprar este ginásio. Não é uma pessoa amarga nem triste por isso, mas também não diria que é feliz. Acho que o ginásio o mantém vivo, que lhe dá uma razão para se levantar de manhã.

— Sai daí, Shawnasee! — grita o Ronny para o lutador que tem o parceiro de treino preso às cordas, castigando-lhe as costelas. — Isto não é Las Vegas, por amor de Deus, deixa o tipo respirar.

Aquele miúdo, o Shawnasee, é um imbecil. Estão a ver o género: jovem, impulsivo, o tipo de idiota que era capaz de sair do carro para bater num pobre coitado que se lhe metesse à frente na estrada. E essa é outra razão pela qual gosto de boxe — é a oportunidade perfeita para pôr idiotas como este no devido lugar sem ser acusado de agressão. O Shawnasee tenta atrair-me para o ringue há já uns meses, mas lutar com uma pessoa com pouca técnica não tem piada nenhuma. Por muita força que aplique no soco, não tem nenhuma hipótese de ganhar. Estou à espera que melhore para depois lhe poder dar uma tarefa.

O meu olhar cruza-se com o de Ronny quando separa os lutadores e cumprimenta-o com um aceno de cabeça. Depois, volto para o balneário, mudo de roupa e bato no saco de boxe durante meia hora. A seguir, vou para o remo até os meus bíceps desfalecerem e as pernas parecerem geleia. Acabo com dez minutos de salto à corda a alta velocidade, que pode parecer fácil mas não é. Tentem saltar à corda metade desse tempo e aposto que se vão sentir a entrar em paragem cardíaca.

Quando o ringue fica disponível, subo lá para dentro e faço três assaltos com o Joe Wilson, um advogado da zona fina da cidade, com quem já combati antes. O Joe responde bem, mas a sessão pende claramente para mim. Depois, batemos as luvas afavelmente, e eu volto para o balneário e pego nas minhas coisas. Dou uma palmadinha nas costas do Ronny à saída, corro até ao metro e apinho o comboio para casa.





Não tenho vergonha de dizer que os meus pais me ofereceram o meu apartamento quando acabei o curso — naquele tempo a minha casa estava ligeiramente acima da minha capacidade financeira. A localização é ótima: vou a pé para o escritório e tenho uma vista espetacular para o Central Park. Dado viver aqui desde a universidade, falta-lhe a consistência estilística que se poderia esperar da casa de um homem de negócios de sucesso. Ora vejam. Sofás de couro preto em frente a um grande ecrã de televisão com um sistema de som topo de gama e consola de jogos nas prateleiras de vidro por baixo. A mesa de café também é de vidro, mas está lascada nas pontas devido a anos de contacto com os pés em cima e garrafas de vidro. Na parede há um quadro sombrio do topo de uma montanha feito por um artista japonês famoso, e a minha muito apreciada coleção de bonés de baseball antigos está pendurada em ganchos do lado oposto. No canto está pendurada uma vitrina iluminada exibindo o prémio de cristal com a gravação «EXCELÊNCIA EM GESTÃO DE INVESTIMENTO» que recebi no ano passado... e o capacete — verdadeiro — da personagem Boba Fett que foi usado durante as filmagens de *O Império Contra-Ataca*. Há prateleiras de madeira embutidas com livros e recordações desportivas de coleção, livros sobre arte, sobre a fotografia e sobre a Banca, e cerca de uma dúzia de molduras diferentes com fotografias da família e dos amigos que me lembram os melhores momentos da minha vida. Fotografias que eu próprio tirei.

A fotografia é um dos meus passatempos. Depois falo-vos sobre isso.

Na sala de jantar, em vez de um conjunto formal totalmente inútil de mesa e cadeiras, tenho uma mesa de snooker e uma máquina de salão de jogos *Space Invaders*. Mas a minha cozinha está completamente equipada: balcões de granito preto, chão de mármore italiano, equipamentos de aço inoxidável e loiça e utensílios de cozinha que o *chef* Emeril Lagasse se sentiria honrado em ter. Gosto de cozinhar e faço-o bem.

O caminho para o coração de um homem pode passar pelo estômago, mas também é o trajeto mais direto para as cuecas de uma mulher. Para as mulheres, um homem que sabe cozinhar está comprado. Digam-me se estiver errado.

Em resumo, o meu apartamento é fantástico. É grande mas confortável, imponente sem ser intimidante. Depois de tomar duche no chuveiro de três saídas, resguardado por vidro, enxugo-me e passo um minuto a olhar para a minha imagem no espelho de corpo inteiro. O meu cabelo, habitualmente castanho-claro, está escuro por estar molhado e sai espetado da toalha aqui e ali. Está a precisar de ser cortado — fica encaracolado dando um aspeto de menino bonito se o deixar crescer de mais. Esfrego a barba no queixo quadrado, mas não me apetece fazê-la agora. Viro-me de lado e flito os meus bíceps, orgulhoso dos músculos que emergem. Não sou desproporcionado como aqueles armários que passam a vida no ginásio, mas sou firme, enxuto e poderoso, sem um centímetro a mais nos abdominais para beliscar!

Ver-me ao espelho pode parecer-vos manhoso, mas podem crer que todos os homens o fazem. Só não gostamos de ser apanhados a fazê-lo. Mas quando se passa tanto tempo a cuidar do corpo como eu, a recompensa vale a pena.

Visto rapidamente um par de boxers de seda e depois aqueço uma tigela de massa e frango que sobraram. Não sou italiano, mas se pudesse comia isto todos os dias da semana. São cerca de oito e meia quando acabo de lavar a loiça. Sim, sou um homem que lava a sua própria loiça.

Roam-se de inveja, minhas senhoras — pertenço a uma raça rara.

Depois deixo-me cair outra vez na minha maravilhosa cama *king size* e tiro o bilhete de lotaria premiado do bolso das calças que acabara de despir.

Passo os dedos pelas letras do cartão verde brilhante.

DEE WARREN

QUÍMICA

LINTRUM FUELS

E lembro-me da carne macia e suave que emergia do seu top cor-de-rosa justo. Sinto uma vibração nos boxers... Parece que ele também se lembra.

Normalmente esperaria um dia ou dois para telefonar a uma miúda como a Delores. O tempo é tudo. Parecer muito ansioso é um erro de principiante — as mulheres gostam que os cachorriños andem atrás delas, não os homens.

Mas já é quarta-feira à noite e quero sair com a Dee na sexta-feira. O século XXI é a era do *Ele não Está Assim tão Interessado*, *Dating for Dummies* e *The Girlfriends' Guide to Dating*, o que quer dizer que telefonar a uma miúda para um engate ocasional não é tão fácil com antes. Agora há todas aquelas *regras* chatas — que descobri da maneira mais difícil.

Do género: se um tipo se quer encontrar contigo na mesma noite em que telefona, deves dizer «não», porque isso significa que ele não te respeita. E se ele quiser sair contigo numa terça-feira, é sinal de que tem planos melhores para sábado à noite.

Tentar mantermo-nos a par dos éditos em mudança é mais difícil do que mantermo-nos a par do debate sobre os cuidados de saúde no país. É como um campo de minas — um passo em falso e a pila não vai entrar em ação durante muito tempo. Mas, se ter sexo fosse fácil, toda a gente o estaria a fazer. Isso e... basicamente isso.

O que me leva ao pensamento seguinte: sei que as feministas se queixam sempre de como os homens têm todo o poder. Mas quando se trata de encontros amorosos, na América, pelo menos, não é o que acontece. Nos bares, aos fins de semana, a escolha é totalmente delas! Elas até se podem dar ao luxo de escolherem o melhor, porque os homens solteiros nunca rejeitam um avanço.

Imaginem: a música está a tocar, os corpos a dançar e uma fêmea com um aspeto aceitável aproxima-se de um tipo que está a beber ao balcão. Ela diz: «Quero foder-te até cairmos para o lado de exaustão.» Ao que ele responde: «Ná, hoje não estou para aí virado.» NUNCA UM HOMEM DISSE ISTO.

As mulheres nunca têm de se preocupar em ser rejeitadas — desde que não apontem demasiado acima do seu nível salarial. Nunca têm de stressar sobre se se irão safar. Para as mulheres, o sexo é um buffet à discrição — só têm de escolher o prato. Deus criou os homens com um desejo sexual forte para garantir a sobrevivência

da espécie. Sejam produtivos e multipliquem-se e essas coisas... Para os homens como eu, que sabem bem o que andam a fazer, não se pode dizer que seja difícil. Mas para os meus irmãos não-tão-competentes, safarem-se pode ser uma tarefa hercúlea.

Uma leve descarga de adrenalina perpassa-me quando levanto o auscultador e marco o número do telemóvel que está no cartão. Não que me sinta nervoso, é mais... uma antecipação cautelosa. Bato na perna com a mão ao som de *Enter Sandman* dos Metallica, e o estômago aperta-se enquanto o telefone toca.

Acredito que ela se lembrará de mim — afinal causei uma impressão bastante forte — e presumo que estará recetiva a encontrar-se comigo. Talvez até esteja ansiosa. O que não espero é que a sua voz me grite aos ouvidos:

— Não, idiota, não quero ouvir a canção outra vez. Porra! Telefona à Kate se precisas de público!

Afasto um pouco o telefone do ouvido. E verifico o número para me certificar de que é o número correto. É.

Depois digo:

— Hã... Olá? É a Dee?

Há uma pausa quando percebe que não sou o idiota.

Depois responde:

— Sim, é a Dee. Quem fala?

— Olá, fala o Matthew Fisher. Trabalho com a Kate — conhecemo-nos no restaurante esta tarde.

Outra breve pausa, e depois a sua voz ilumina-se:

— Ah, sim. O rapaz do clítoris, não é?

Rio-me para dentro, sem ter bem a certeza se gosto dessa alcunha, mas pelo menos lembra-se de mim. Nota mental para mim próprio: usar esta deixa outra vez.

— Exatamente.

— Desculpa os gritos. O meu primo não me largou a braguilha o dia todo.

A minha pila estremece com a menção à braguilha, e tenho de me refrear para não me oferecer para trocar de lugar com este primo.

— O que é que posso fazer por ti, Matthew Fisher?

A minha imaginação dispara. E de forma detalhada. *Ah, as coisas que ela podia fazer...*

Durante uns instantes penso se ela estará a falar assim de propósito ou se sou eu que estou a imaginar coisas, de tanto desejo.

Jogo pelo seguro.

— Estava a pensar se querias encontrar-te comigo um dia destes, para bebermos um copo.

Vamos fazer uma pausa aqui. Porque, apesar de me ter queixado há pouco das complexidades modernas que os homens enfrentam quando tentam engatar uma miúda, acho que é meu dever educar os outros, passar a palavra, sobre como descodificar a conversa dos homens. Pensem em mim como uma versão mais máscula de Edward Snowden ou Julian Assange. Talvez devesse fazer o meu próprio site — e podia denominá-lo Picileaks. Pensando melhor, é um nome merdoso. Parece um sintoma de uma DST.

Lembram-se do jogo mental de «fode, mata e casa» de que falei antes? Se um homem vos convidar para beber um copo ou para sair, encaixam-se logo na categoria «foder». Não, não discutam — é verdade. Se um homem vos convidar para um encontro ou para jantar, talvez até para ir ao cinema, provavelmente estão na categoria «foder», mas têm potencial para serem promovidas.

Não têm de basear a vossa resposta à proposta de um gajo nesta informação; só pensei que quisessem saber.

Agora, voltemos à conversa telefónica.

Consigo perceber um sorriso na sua voz quando aceita o meu convite.

— Estou sempre aberta a propostas que impliquem um copo.

Aberta. Mais insinuações sexuais. Agora não é a minha imaginação. Já me estou a ver na cama...

— Boa! Estás livre na sexta-feira?

O silêncio demora um segundo, até que ela sugere:

— Que tal esta noite?

Uau! Estou a ver que a Delores não leu o capítulo que exige dois dias de aviso prévio para as ofertas sexuais.

Sorte a minha.

E depois elabora.

— Quer dizer, pode haver um apagão, falta de água, os extraterrestres podiam finalmente decidir invadir e escravizar toda a raça humana...

Aí está uma que nunca tinha ouvido antes.

— Então estaríamos lixados. Porquê esperar por sexta-feira?

Gosto da maneira como esta miúda pensa. Como diz o ditado: «Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje». Ou... por aí.

— Para mim esta noite está bem — concordo prontamente. — A que horas?

Algumas miúdas levam uma eternidade e mais um dia para se prepararem. É tão irritante! Ir ao ginásio ou à praia não devia exigir tempo de preparação, meninas.

— Que tal daqui a uma hora?

Dois pontos a favor da Dee — grandes mamas e pouca manutenção. Acho que estou apaixonado.

— Parece-me bem — digo-lhe eu. — Qual é a tua morada? Passo por aí e apanho-te.

O meu prédio tem um estacionamento privado para os inquilinos. Muitos nova-iorquinos gastam milhares de dólares por mês em estacionamento e acabam por não conduzir o carro por causa do trânsito da cidade. Os engarrafamentos não me incomodam; parto sempre com antecedência. Como vos disse, a gestão do tempo é essencial.

E outra coisa: não tenho carro. Conduzo uma *Ducati Monster 1100 S* feita por encomenda. Não é para me armar ou entrar para um clube marginal de motoqueiros, mas andar de mota é outro dos meus passatempos. Poucas coisas na vida proporcionam uma sensação tão boa como andar numa autoestrada num dia fresco de outono com o céu azul e as folhas a começarem a mudar. É o mais perto de voar que algum dia o ser humano vai chegar.

Sempre que posso vou de mota. Às vezes as miúdas queixam-se por causa do frio ou de lhes estragar o cabelo. Mas ao fim e ao cabo todas gostam de motas.

A Delores responde:

— E se nos encontrássemos num sítio qualquer?

Esta é uma jogada inteligente para uma mulher solteira. Tal como não se dá o número de segurança social *online*, também não

se dá a morada a um tipo que mal se conhece. O mundo é um sítio tramado e as mulheres precisam de fazer tudo o que podem para garantir que o perigo não lhes bata à porta.

Mas, infelizmente, isso também significa que o animal vai ficar na toca hoje à noite, o que me entristece um pouco.

— Está bem.

Antes de eu sugerir um lugar, a Dee toma o comando.

— Sabes onde é o Stitch's na West 37?

Conheço. É discreto, boa bebida, música ao vivo e uma sala confortável. Porque é quarta-feira à noite, não vai ter muita gente, mas nenhum bar em Nova Iorque está vazio.

— Sim, conheço.

— Ótimo. Encontramo-nos lá dentro de uma hora mais ou menos.

— Perfeito.

Depois de pousarmos o telefone, não me visto imediatamente. Não sou esquisito com a roupa, como alguns jovens profissionais semiassexuados, mas também não sou desleixado. Consigo estar pronto para sair em sete minutos. Por isso vou buscar o dossiê à minha pasta e uso o tempo que tenho a mais para acabar de ler o trabalho que planeava ler antes de ir para a cama. Porque parece que não irei para a cama tão cedo — e, quando for, de certeza que não vou estar sozinho.

Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

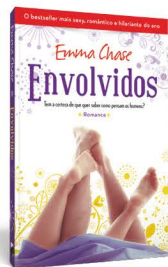
Ele é sedutor e um apaixonado pela vida.  
Ela é sensual e determinada.  
Nenhum dos dois quer assumir um compromisso.  
Mas estarão os seus destinos enlaçados?

Matthew Fisher é um banqueiro bem-sucedido, posição que lhe permite desfrutar dos prazeres materiais e morar num apartamento com vista para o Central Park. Matt sempre foi um sedutor e um mulherengo incorrigível. Ele admite que, enquanto não encontrar a «mulher certa», se vai divertindo com todas as «mulheres erradas». Apesar disso, ele quer assentar.

Delores Warren é uma mulher diferente. O seu trabalho como engenheira espacial não a impede de ser sensual, extravagante e espontânea. Dee (como é conhecida) é decidida, principalmente no que respeita aos homens. Por ter vivido uma sucessão de relações que correram mal, resolve desistir dos compromissos sérios e aproveitar apenas os encontros casuais pelas noites de Nova Iorque.

Quando se conhecem, Matt acredita que encontrou finalmente a pessoa certa. Conseguirá ele fazê-la mudar de ideias e levá-la a aceitar um relacionamento sério?

Leia os outros  
livros da autora:



Veja o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

**TOP  
SEL  
LER**

os livros em primeiro lugar

20.20.0118.00

Série *Envolvidos*, n.º 3

ISBN 978-989-8800-64-0



9 789898 800640

Ficção romântica